



Renato Pereira*

Medo e práticas espaciais de jovens homens, moradores da periferia urbana de Ponta Grossa, Paraná

Resumo: O objetivo do presente artigo foi construir um caminho analítico de investigação sobre espaço urbano e medo sob o foco das representações sociais de jovens homens, moradores de periferia, no exercício de suas masculinidades. O levantamento dos dados e das informações para a inteligibilidade desta pesquisa, de caráter qualitativa, foi realizado por meio da aplicação de 346 questionários e realização de sete entrevistas com estudantes de ensino médio, com idade entre 15 e 23 anos, de quatro escolas públicas sediadas no município de Ponta Grossa, Estado do Paraná. Preocupou-se em refletir sobre as espacialidades dos sujeitos que produzem o espaço urbano, em particular, os jovens homens moradores de periferia, assim como observar as tensões da realidade, a fim de compreender suas práticas espaciais. As espacialidades dos sujeitos pesquisados se constituíram em elementos centrais na construção das reflexões, evidenciando-se que alguns locais da área central do município não apenas figuram como um recorte da cidade, eles são espaços de representação das masculinidades. No decurso da pesquisa, fez-se esforço em refletir e questionar sobre as masculinidades e os elementos de vulnerabilidade dos jovens homens no contexto do espaço urbano. Os resultados obtidos evidenciam que o medo está associado principalmente às drogas e aos conflitos vivenciados no cotidiano, assim como, que os locais geradores de tensão na vivência espacial dos adolescentes pesquisados estão associados, sobremaneira, ao próprio contexto em que vivem.

* Mestre em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Professor de Geografia do Governo do Estado do Paraná.

Fear and spatial practices of young men living in the urban outskirts of Ponta Grossa, Paraná

Abstract: The aim of this article was to construct an analytical way of research about the urban space and fear, under the focus of social representations of young residing men of the periphery, in their masculinities' exercise. The survey of data and information to the intelligibility of this research, which has a qualitative feature, was accomplished through the application of 346 questionnaires and conducting interviews with seven high school students, aged between 15 and 23 years old, from four public schools of the city of Ponta Grossa, Parana State. It was concerned to reflect about the spatiality of the subjects that produce the urban space, particularly young men living on the periphery, as well as to observe the stresses of reality in order to understand their spatial practices. The researched subjects' spatiality were constituted as central elements in the construction of reflections, which demonstrates that some places at city's downtown not only feature as a clipping of the city, they are spaces of representation of masculinities. The obtained results show that fear is mostly associated to drugs and conflicts experienced in everyday life, as well as the places which generate tension in the spatial experience of the surveyed teenagers are excessively associated with the context in which they live.

Palavras-chave:

Espaço urbano;
representações sociais;
medo; masculinidades.

Key-Words:

Urban space; social
representations; fear;
masculinities.

Introdução

Este artigo tem por objetivo construir um caminho de investigação em que se estabeleça a relação entre medo, masculinidades e cidade como possibilidade de compreensão do espaço urbano, tomando como base levantamentos de dados empíricos junto a estudantes de ensino médio, moradores de periferia, que vivenciam a área central de Ponta Grossa – PR.

Nesta pesquisa, o medo é considerado como parte integrante da vida cotidiana das pessoas, assim como é uma das várias sensações que emergem de diferentes contextos espaciais, sobretudo do espaço urbano.

Objetiva-se, assim, estabelecer a relação entre medo, masculinidades e cidade como possibilidade de compreensão do espaço urbano, tomando como base levantamentos de dados empíricos junto a estudantes de ensino médio, moradores de periferia, que vivenciam a área central de Ponta Grossa – PR.

A proposta de trabalho está vinculada a trajetória investigativa do Grupo de Estudos Territoriais (GETE) da Universidade Estadual de Ponta Grossa. O interesse do grupo pelo estudo das masculinidades deu início já no ano de 2008, quando se iniciou um projeto de extensão que investigou a vivência de adolescentes em conflito com a lei, do sexo masculino e seus processos de reinserção familiar, após cumprir medidas socioeducativas.

O GETE, de posse de uma expressão estatística que apontou que o universo masculino é mais vulnerável quanto ao envolvimento em atos infracionais no município de Ponta Grossa/PR, imediatamente iniciou duas pesquisas que analisavam a relação entre espaço urbano, atos infracionais e a construção das masculinidades. Trata-se das pesquisas de Chimin Júnior (2009) e de Rossi (2010).

A coragem e a valentia são traços comuns nos discursos dos adolescentes retratados nas pesquisas de Rossi (2010), Chimin Junior (2009), Gomes (2012) e Rocha (2012). Na medida em que existam jovens homens e adolescentes que ameaçam, transgridem e usam de violência, há também àqueles que são ameaçados ou sentem-se vulneráveis. A presente pesquisa seguiu o caminho de compreender o medo como componente da realidade destes sujeitos, em sua vivência cotidiana na cidade.

Brownlow (2005) analisa a relação entre medo, masculinidade e cidade tendo como base Cobbs Creek, o maior bairro de West Philadelphia, comunidade que apresentava, no ano de 2000, níveis elevados de violência e vitimização entre jovens homens. O autor aponta os elementos que representam tensão na vivência de jovens homens afro-americanos no contexto do espaço urbano de Filadélfia, assim como indica que o medo está associado a diversos contextos e situações.

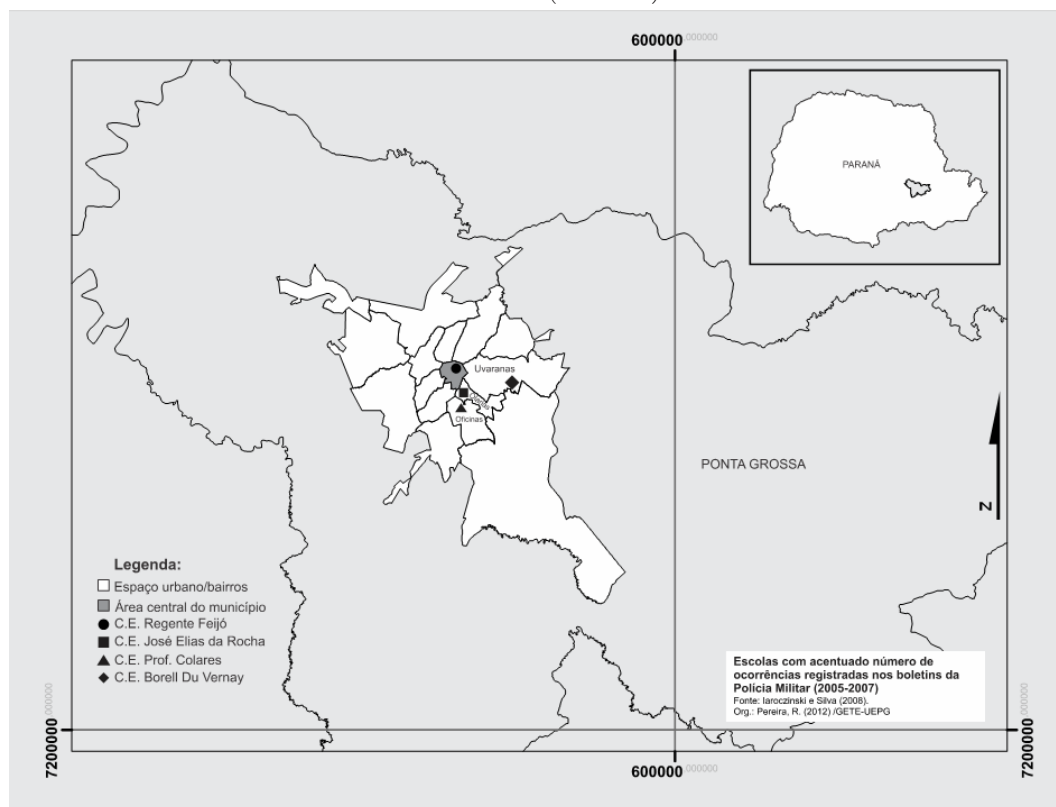
A pesquisa aponta que a probabilidade dos jovens homens se envolverem em uma situação de vulnerabilidade e tensão é quase três vezes maior do que pessoas do sexo feminino. Com base no estudo de Brownlow (2005), foi possível estabelecer um caminho investigativo para explorar o fenômeno em Ponta Grossa, Estado do Paraná.

Para acessar o grupo social que foi estabelecido para pesquisa, adolescentes do sexo masculino, optou-se por recorrer às escolas, já que este grupo etário da população deve, conforme o Estatuto da Juventude (1990), estar matriculado e frequentando a escola. Outra razão para a escolha foi o dado de Chimin Junior (2009) que afirmou que nos inquéritos por ele analisados na Delegacia do Adolescente e Antitóxico da Polícia Civil de Ponta Grossa-PR entre os anos 2005 a 2007, a maioria dos adolescentes envolvidos em atos infracionais eram estudantes. Portanto, a escola como uma porta de acesso ao grupo foi uma forma de abarcar com mais facilidade a realidade cotidiana da maioria dos adolescentes do sexo masculino.

Também se recorreu ao trabalho de Iaroczinski e Silva (2008), em que se evidenciou que os registros de atos de violência nos boletins de ocorrência policial estavam ligados ao contexto escolar dos alunos do sexo masculino, constatando-se, assim, que a escola é um espaço permeado de conflitos e de relações que vão além de um local de aprendizado.

O ranking das escolas públicas do município de Ponta Grossa, que apresentavam acentuado número de ocorrências registradas nos boletins da Polícia Militar, entre 2005 e 2007, elaborado por Iaroczinski (2009), foi o instrumento utilizado como referencial para a escolha das entidades participantes da pesquisa. O levantamento de dados e informações ocorreu nos Colégios Estaduais Regente Feijó, José Elias da Rocha, Professor Colares e João Ricardo Von Borell Du Vernay (Figura 1).

Figura 1 – Caracterização da área de estudo – Escolas com acentuado número de ocorrências registradas nos boletins da Polícia Militar (2005-2007).



Fonte: organizado pelo autor com base em Iaroczinski e Silva (2008).

Medo e práticas espaciais dos jovens do sexo masculino, moradores de periferia urbana

Esta pesquisa se aproxima da metodologia do núcleo central, proposta por Abric (1998), pois considera que dissecar a dimensão cognitivo-estrutural das representações sociais significa aproximar-se das representações de um grupo social. Para o autor:

[...] uma representação social é um conjunto organizado e estruturado de informações, crenças, opiniões e atitudes; ele constitui um sistema sociocognitivo particular composto de dois subsistemas: um sistema central (ou núcleo central) e um sistema periférico (Abric, 1998, p. 38).

Em Duncan (1990), é possível aprofundar a ideia de que os espaços são parte dos sistemas culturais. Para ele, a paisagem é “um conjunto ordenado de objetos, um texto, age como um sistema de criação de signos através do qual um sistema social é transmitido, reproduzido, experimentado e explorado” (DUNCAN, 2003, p. 106). Para este autor as produções simbólicas do espaço é também um ato coletivo, compartilhado dentro de um grupo social. Os grupos sociais então possuem diferentes percepções e produzem diferentes significados que entram em confrontos, constituindo relações de poder.

No contexto da metodologia proposta por Abric (1998), no núcleo central a memória transcende do ponto individual ao coletivo e a representação é mais estável e consistente; enquanto que os elementos periféricos das representações estão atrelados à realidade mais próxima dos indivíduos, por isso são intercambiáveis e flexíveis. No bojo do núcleo central estão os elementos normativos, ligados aos valores e crenças dos indivíduos junto ao seu meio social e os aspectos funcionais, ligados à natureza do objeto pesquisado.

Doise (2001) explica que as experiências sociais, o cotidiano dos grupos e as relações de poder constituem a dualidade causa-consequência das situações ocupadas pelos indivíduos em determinado contexto social.

Neste sentido, as interações entre os fenômenos sociais e seus componentes, em vez de coexistir em categorias individuais como ponto de partida da pesquisa empírica e teorização, assume que pensamento e comunicação são multifacetados e heterogêneos. Parte-se também do pressuposto que, para se compreender as dinâmicas desses grupos sociais, se faz necessária também pensar suas representações espaciais.

Assim, estabeleceu-se como premissa, buscar respostas sobre como o medo interfere nas práticas espaciais dos jovens do sexo masculino, moradores da periferia, que vivenciam o espaço urbano de Ponta Grossa, Paraná.

Medo, tensões e conflitos: o espaço urbano vivenciado pelos jovens homens

Pode-se dizer que diversas situações de significativa tensão definem a configuração de gênero dos jovens homens e, por conseguinte, sua textualidade/oralidade. Essas tensões provocadas pela alta rotatividade de ocasiões definem a representação de suas espacialidades. Suas respostas a estas situações resultam em ações, seja na defesa ou constituição do grupo a que pertence ou na negação do grupo e ao consequente isolamento (residência – trabalho – escola – outros espaços).

O resultado é a incompatibilidade entre interesses, o que resulta na marginalização de certos sujeitos. Chimin Junior e Silva (2010) apontam que os conflitos – onde os atores são os adolescentes que vivenciam a área central do município – são gerados por diversos motivos, desde a disputa por uma menina até um revide a alguma agressão.

Na perspectiva do paradigma de consenso e conflito, Corrêa (1995), apresenta os movimentos sociais urbanos a partir do cotidiano, em um contexto de fragmentação desigual do espaço. Para ele, apesar de o espaço ser fragmentado socialmente, também é articulado, pois existe simultaneidade entre as diversas escalas de socialização, que podem estar configuradas pela rua, pela escola, na vila ou no bairro.

Se o espaço urbano é fragmentado e articulado, também constitui as condicionalidades de uso da terra e das relações cotidianas. Para Corrêa (1995), é na escala do bairro que os diversos grupos sociais se reproduzem.

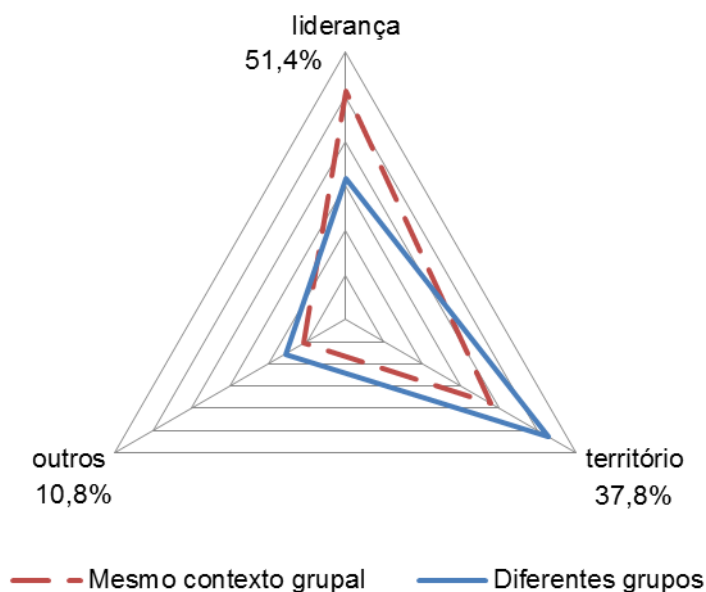
No gráfico (Figura 2), essa afirmação é representada por meio das expressões “ter-

ritório” e “liderança”, revelando que existe uma simetria entre vulnerabilidade e reação conflituosa na vivência espacial dos adolescentes no espaço urbano de Ponta Grossa.

O gráfico ainda revela os conflitos vivenciados pelos jovens de diferentes contextos espaciais do urbano, onde o “território” é gerador de tensão tanto de indivíduos quanto de grupos, reconhecidos e configurados, no meio juvenil, pelas “gangues”. Assim, pode-se perceber que, enquanto o motivo de tensão do jovem no contexto de seu grupo é a “liderança”; no convívio de diferentes grupos existe a necessidade da disputa por “territórios”.

¹ A entrevista com Rafael, de 17 anos foi realizada em 14 de maio de 2013; a entrevista com Nurie, de 16 anos, no dia 10 de julho de 2013; a entrevista com Guilherme, de 16 anos, em 10 de julho de 2013.

Figura 2. Elementos motivadores de conflitos



Fonte. elaborado pelo autor.

Ao se refletir sobre os relatos dos jovens homens pesquisados, se percebeu que cada ação cotidiana varia em termos de intensidade, que se inicia com a sensação de insegurança, de ameaça, de agressão física, culminando com o sentimento de medo da morte. Percebeu-se que a intensidade nas relações de poder também é um dos fatores desencadeadores de conflitos. Não há como separar, nas falas¹ a seguir, o que pode ocorrer primeiro, pois são situações atreladas às diversas formas de vivenciar a cidade, assim como entre as diversas escalas apresentadas anteriormente.

“Deixo o cara, vai ter a melhor hora. Tem a melhor hora pra tudo, eu penso assim. Se eu tiver com alguma coisa [arma]... depende da ameaça, se o cara tiver me jurando, tem que resolver ali. Não é por causa de amigo, eu não me garanto por causa de amigo. Eu me garanto. Eu sou sujeito homem, eu me garanto na mão na pedra, no tiro, na faca. Com naífa, calibre aí é outra coisa” (Rafael).

“O cara me xingou, me provocou, mas não chegou a ter briga. Faço academia, se pular em mim tenho como me defender. Eu luto Muay Tay. Só revido se o cara vir me bater, só se ele vir, é só para se defender” (Guilherme).

“Briga na Magic. Usam arma [de fogo]. Na vila usam faca [arma branca]. Eles começaram a brigar lá dentro e bateram em um e quase mataram aí ficaram e agora estão querendo pegar outro, por causa de menina, um pegou muié do outro. Tem um na vila que tá querendo dar um de bom, os caras mandaram embora da vila. Levou uns chute. Nem deu briga. O cara não voltou mais. É mais fácil de rolar briga em festa, mulher, todo mundo bêbado. Tinha um lá na vila que estuprou e os caras queriam matar ele” (Leandro).

Se as relações ocorrem em um plano material, é preciso se pensar na dimensão imaterial desse aspecto humano que, conforme Cosgrove (1998a, 1998b) e Cosgrove e Jackson (2000), são dotadas de simbolismo e não são homogêneas; são plurais e constituem as situações reais que envolvem medo, conflitos e relações de poder.

Como visto nas falas anteriores, embora pertençam a um contexto contraditório que vai desde o sentimento de insegurança ao ato infracional, o jovem homem reconhece estes aspectos em sua vivência cotidiana. Entender o contexto espacial de vivência desses jovens homens foi essencial para pensar sobre suas representações.

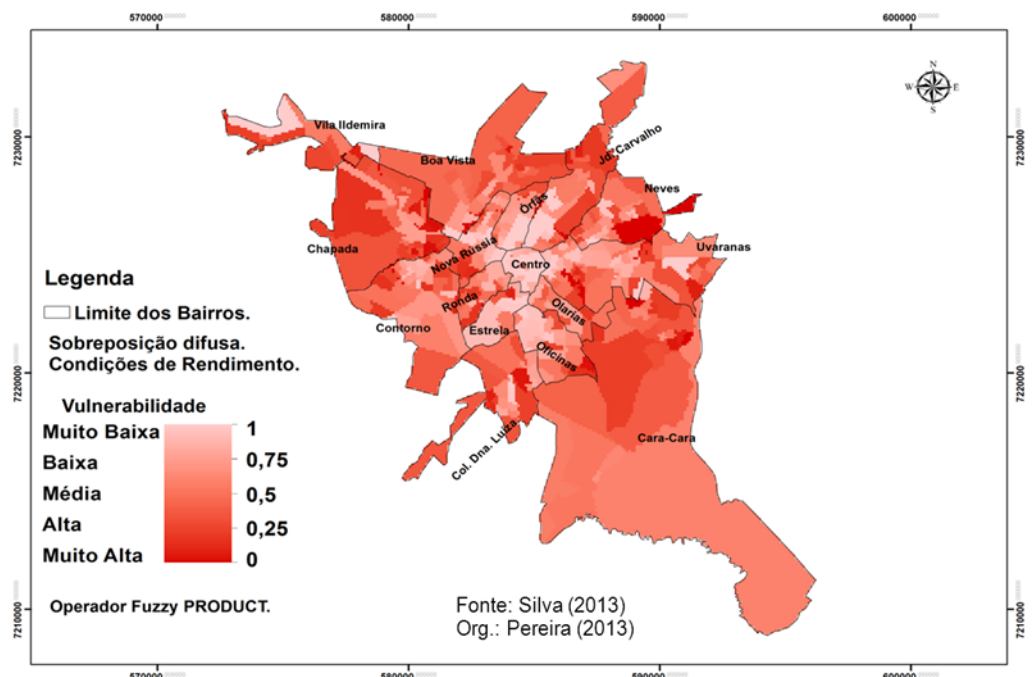
Austin et al., (2002), apresentam três fatores de vulnerabilidade que influenciam na sensação de medo e de insegurança no espaço urbano: 1) condições demográficas (sexo, idade e nível socioeconômico); 2) condições urbanas e de vizinhança (condições de moradia, escolaridade e renda); e 3) experiências de vitimização.

Esses elementos estão presentes na pesquisa de Silva (2013), que explora a dimensão da vulnerabilidade socioeconômica. Segundo Silva (2013), quanto mais distante do centro urbano, maiores são os indicadores de vulnerabilidade, pois se dispõe de número de aparelhos públicos em menor quantidade, o que interfere na qualidade de vida de seus moradores. Entretanto, no que diz respeito à experiência de vitimização na esfera pública, nem sempre a escala de maior ou menor proximidade do centro é fator preponderante.

Os dados apresentados na Figura 3, vão ao encontro com as proposições de Chimin Junior e Silva (2010), que apontam para o fato de que muitas dessas tensões estão associadas com os sujeitos que convivem em um mesmo contexto espacial: a periferia do espaço urbano.

Os autores assinalam a existência de um grande volume de processos registrados pela Delegacia do Adolescente e Antitóxico, da Polícia Civil de Ponta Grossa-PR, envolvendo adolescentes como autores de infrações. Essas experiências dos jovens expostos à vulnerabilidade é que dão pistas para a compreensão da própria dinâmica do espaço urbano.

Figura 3. Vulnerabilidade quanto às condições urbanas no contexto dos bairros de Ponta Grossa



Embora não caracterizados por meios de boletins de ocorrência, pois não foi o objeto da pesquisa, as falas a seguir expressam como os jovens homens reagem diante dos conflitos e as infrações com os quais vivenciam no cotidiano. Elementos como drogas, armas de fogo e armas brancas (facas), conflitos e vias de fato presentes nos discursos dos jovens homens pesquisados são consideradas infrações, desde que sejam autuados em flagrante por agente no exercício de policiamento ostensivo.

“Com arma de fogo não, nem arma branca. Tento resolver se não der, sei lá. Daí vai no tiro mesmo. Já fomo atrás de um cara e não conseguimos pegar. Fomo de moto, em dois, na Cipa. Os caras são fodas. Demos um balão, se achasse, se não, saímos...” (Leandro).

“Tipo daí que eu falei de você daí você vai lá e tua galera vem pra cima de mim vocês me batem. Porquê daí se eu chamar minha galera, daí nossa... daí; Se briga com maluco da minha vila nos vamos brigar e vai passar por isso mesmo. Se um maluco de uma outra vila, eu for na vila dele e bater nele os caras vão pra cima de mim... os caras vão estar na vila deles mesmo que eu chame minha vila...” (Nurie) .

“Briga por causa de tudo quanto é coisa. Por causa de droga. Esses dia os caras brigaram por causa de uma camiseta; nós queimemo a camiseta do cara. Sempre tem o cara que vende e o que compra. Depende da dívida... tem dívida que paga com a vida” (Rafael).

Evidencia-se que os jovens homens mais propensos ao sentimento de medo, são os que estão mais próximos de práticas transgressoras. Se a intensidade nas relações de poder define qual é a escala do sentimento de medo, em contraposição, na interdição está contido o elemento inibidor deste sentimento, pois como visto, na escola, na sua própria rua, na sua vila, e no seu bairro, o jovem homem sente-se mais acolhido.

A partir destes levantamentos iniciais, construiu-se um ranking com os elementos, em importância, que para os jovens homens, representam tensão em viver na cidade (Quadro 1).

Quadro 1. Elementos, em importância que, para os jovens homens, representam tensão em viver na cidade.

ORDEM	TENSÃO	%
01	assalto	16,6%
02	drogas	14,5%
03	brigas	12,5%
04	tráfico	12,5%
05	sequestro	12,4%
06	gangues	12,3%
07	trânsito	10,2%
08	polícia	9,0%

Fonte: organizado pelo autor.

A seguir, foi realizado um cruzamento entre o tipo de tensão e a intensidade. Percebe-se que as evocações “assalto”, “tráfico”, “drogas” e “trânsito” estão altamente relacionados à morte. Assim como “brigas” e “gangues” a agressão física. “Polícia” é associada à insegurança em viver na cidade.

Como se constata na Figura 4, na visão dos sujeitos pesquisados, todos os elementos também apresentam a intensidade da ameaça como potencial desencadeador do medo.

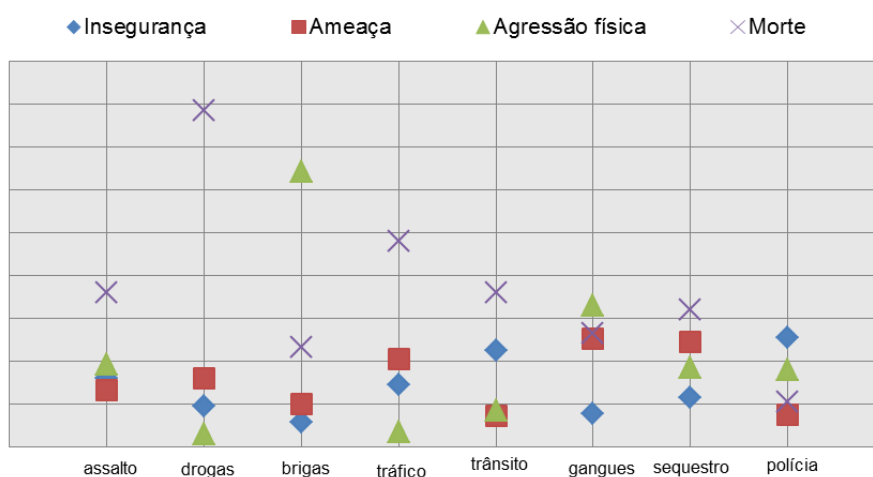
Constatou-se que a vivência espacial dos jovens do contexto do urbano permite que seu

curso de vida seja experienciado e diversificado pela sua capacidade de se adaptar a uma variedade de situações. Não é incomum, portanto, para a juventude, vivenciar espacialidades interligadas.

Os elementos associados ao medo de vivenciar o espaço urbano que mais se sobressaíram nas respostas estão associadas, principalmente a violência urbana e às drogas. Sentimento compartilhado pela maioria dos inquiridos é a sensação de vulnerabilidade. Para Erikson (1987, p. 118), esse movimento se dá “quando as necessidades da vida econômica e a simplicidade de seu plano social tornam os papéis masculino e feminino e seus poderes e recompensas específicos compreensíveis”.

Silva (2009, p. 140), ressalta que, muito além da representação de papéis, devem-se visualizar as “performances dos sujeitos sociais que a experienciam mediante a vivência espacial cotidiana e concreta”.

Figura 4. Cruzamento das evocações, de acordo com a intensidade



Fonte: organizado pelo autor.

Butler (2006, p. 55), ao refletir sobre a violência e a vulnerabilidade dos sujeitos no contemporâneo ressalta que,

[...] de algún modo, todos vivimos con esta vulnerabilidad, una vulnerabilidad ante el otro que es parte de la vida corporal, una vulnerabilidad ante esos súbitos accesos venidos de otra parte que no podemos prevenir. Sin embargo, esta vulnerabilidad se exagera bajo ciertas condiciones sociales y políticas, especialmente cuando la violencia es una forma de vida y los medios de autodefensa son limitados.

Certas áreas centrais urbanas são altamente suscetíveis ao sentimento do medo. O simples ato de vivenciar certas áreas urbanas pode apresentar uma situação arriscada. Com o aprofundamento das relações espaciais que vivencia cotidianamente, o jovem reconhece os lugares que aceitam sua permanência.

O elemento “praça” e “centro” surgem como um dos elementos principais geradores de tensão na vivência espacial dos adolescentes pesquisados. Esse dado ratifica o estudo de Chimin Junior e Silva (2010), quando apontam que é no perímetro central da cidade que ocorre o fenômeno da aglutinação desses sujeitos.

[...] seja em frente às escolas, às danceterias, praças ou até mesmo em terminais de ônibus urbanos. Os adolescentes moradores das chamadas “vilas” organizam-se em grupos e dirigem-se à área central, a qual se torna um espaço para resolver diferenças e conflitos que são deflagrados entre eles. (CHIMIN JUNIOR; SILVA, 2010, p. 302).

Ainda, lugares estratégicos, como “proximidades dos terminais de ônibus”, surgem como estatuto de permanente tensão no espaço urbano. Outro elemento a se considerar é o contexto escolar dos adolescentes pesquisados, onde a maior ou menor distância da escola é fator preponderante no afloramento desse sentimento. Para Cosgrove (1998), esses lugares possuem seu plano simbólico além do uso a que se destinam.

Ao se pensar o contexto do espaço urbano do município de Ponta Grossa, Paraná, assim como na possibilidade de articulação entre masculinidades, medo e espacialidades dos jovens dessa configuração espacial, se permite inferir que esses sujeitos desempenham suas vivências nesses espaços transitórios do urbano (Quadro 2).

Rossi e Chimin Junior (apud SILVA, 2009, p. 234), ao dissertar sobre as masculinidades de adolescentes de periferias pobres, em conflito com a lei, asseveram que, na maioria das vezes, esses sujeitos também “[...] produzem tensões nas estruturas das masculinidades”.

Quadro 2. Representações dos jovens sobre Interdição.

ORDEM	LOCAL	%
01	outra vila ou bairro	17,4%
02	praças	17,4%
03	terminal central	14,3%
04	próximo a outros colégios	13,7%
05	transporte coletivo	12,5%
06	distante do colégio	12,4%
07	próximo ao colégio	12,2%

Fonte: organizado pelo autor.

Nesse sentido, as masculinidades ao serem contestadas são negociadas, o que resulta na mudança de determinados comportamentos desses adolescentes que vivenciam essas práticas. Esse fenômeno social atrelado às dimensões das relações econômicas, políticas e sociais das masculinidades é fator importante para se compreender as configurações espaciais e, por conseguinte, a estrutura de gênero no espaço urbano (Quadro 3).

Quadro 3. Representações dos jovens sobre suas relações no cotidiano.

ORDEM	MOTIVOS	%
01	grupos rivais (gangues)	17,5%
02	revidar a ameaça	16,4%
03	namorado(a)	16,2%
04	ser de outra vila/colégio	13,9%
05	ser líder no grupo	13,6%
06	se vestir diferente	12,5%
07	sem motivo	9,9%

Fonte: organizado pelo autor.

Considerações finais

Esse texto teve como fio condutor a construção de um caminho analítico da relação entre espaço urbano e medo sob o foco das representações sociais dos adolescentes do sexo masculino em Ponta Grossa/PR. O objeto de estudo foi discutido a partir de uma perspectiva de pluralidade de significações possíveis de serem construídas por diversos grupos sociais. O espaço urbano interpretado pelos jovens homens, foco desta pesquisa, trazem elementos de medo e tensão, gerados por configurações específicas do urbano.

Mediante os dados apresentados, se pode inferir que por meio de uma estrutura social, a vivência e a espacialidade dos jovens homens pesquisados são configuradas e localizadas espacialmente, que esses sujeitos vivenciam a transição da adolescência à masculinidade adulta com hábitos próprios do urbano e que várias ações estereotipadas são resultados da própria dinâmica das cidades.

Evidencia-se a necessidade de se pensar a vivência desses jovens homens para além da simples e banal relação com a violência, pois sua vivência é dinâmica e plural. Constatou-se que a interdição é uma condição presente em seu cotidiano, assim como o medo, as tensões e os conflitos são o aporte para sua interpretação da cidade. Foi também preocupação deste trabalho a valorização das espacialidades dos sujeitos que produzem o espaço urbano, em particular, as masculinidades periféricas. Também teve a intenção de observar as tensões da realidade, a fim de compreender a influência das masculinidades de grupos de adolescentes ao interagirem com culturas locais e suas práticas espaciais.

Ao investigar as práticas cotidianas de adolescentes do sexo masculino, no exercício de suas masculinidades em um município de médio porte, buscou-se compreender de que maneira esses sujeitos estabelecem suas relações e, por conseguinte, como constituem suas espacialidades. Também se pretendeu explorar as dimensões espaciais da vida urbana de jovens do sexo masculino, por meio da lente de seus discursos espaciais e sua cotidianidade. A partir desta perspectiva, alguns locais da área central do município não apenas figuram como um recorte da cidade, eles são espaços de representação das masculinidades.

Referências

ABRIC, Jean-Claude. A abordagem estrutural das representações sociais. In: MOREIRA, A. S. P.; OLIVEIRA, D. C. de. **Estudos interdisciplinares de representação social**. Goiânia: Ed. AB, 1998.

BRASIL. **Lei nº 8069**, de 13 de julho de 1990. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, 1990. Disponível em: < <http://www.planalto.gov.br/> >. Acesso em: 5 jan. 2014.

BROWNLOW, Alec. A geography of men's fear. **Geoforum**, v. 36, p. 581–592, 2005.

BUTLER, Judith. **Vida precária: el poder del duelo y la violencia**. Buenos Aires: Paidós, 2006.

CHIMIN JUNIOR, Alides B. O espaço como componente da vulnerabilidade aos atos infracionais desenvolvidos por adolescentes do sexo masculino em conflito com a lei em Ponta Grossa-Paraná. **Dissertação** (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2009.

CHIMIN JUNIOR, Alides B.; SILVA, Joseli Maria. Espaço, atos infracionais e a criação social dos adolescentes em conflito com a lei. **Revista Latino-americana de Geografia e Gênero**, Ponta Grossa, v. 1, n. 2, p.295-308, ago./dez. 2010.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço, um conceito-chave da geografia. In: CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O espaço urbano**. 3. ed. São Paulo: Ática, 1995.

COSGROVE, Denis. A geografia está em toda a parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas. In: CORRÊA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny (orgs.). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 1998a.

COSGROVE, Denis. Em direção a uma geografia cultural radical: problemas da teoria. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 5, jan.-jun. 1998.

COSGROVE, Denis; JACKSON, Peter. Novos rumos da geografia cultural. In: CORRÊA, Roberto L. e ROSENDAHL, Zeny (Orgs.). **Geografia cultural: um século (2)**. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2000.

DOISE, Willem. Cognições e representações: a abordagem genética. In: JODELET, Denise. **As representações sociais**. Tradução de Lilian Ulup. Rio de Janeiro: UERJ, 2001.

DUNCAN, J. S. **The city as text: the politics of landscape interpretation in the Kandyan Kingdom**. Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

DUNCAN, James S. O supra-orgânico na Geografia Cultural Americana. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Org.). **Introdução à Geografia Cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

ERIKSON, E. H. **Identidade: juventude e crise**. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

GOMES, Fernando Bertani. A relação entre a vivência espacial de jovens do sexo masculino e a morte por homicídio na cidade de Ponta Grossa – PR. **Relatório de Qualificação** (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2012.

IAROCZINSKI, Adriane. A relação entre o espaço escolar e violência Infanto-juvenil no contexto de ação do programa da Patrulha Escolar em Ponta Grossa – PR. **Dissertação** (Mestrado em Gestão do Território – Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2009.

IAROCZINSKI, Adriane; SILVA, Joseli Maria. Espaço escolar e violência no cotidiano vivido por crianças e adolescentes em Ponta Grossa-PR, 2005 – 2007. **Terra Plural**, Ponta Grossa, v. 2, n. 1, p. 133-143, jan./jun. 2008.

ROCHA, Heder Leandro. O uso do crack como um elemento de espacialidade de adolescentes do sexo masculino moradores da periferia pobre de Ponta Grossa, PR. **Dissertação** (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2012.

ROSSI, Rodrigo. Malucos da quebrada: territórios urbanos na complexidade espacial cotidiana de adolescentes homens em conflito com a lei em Ponta Grossa – Paraná. **Dissertação** (Mestrado em Gestão do Território) – Universidade Estadual de Ponta Grossa, 2010.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. 5. ed. São Paulo: Hucitec, 1997.

SILVA, Alex Caetano. Identificação das áreas de vulnerabilidade socioambiental mediante lógica fuzzy – estudo no município de Ponta Grossa, PR. **Dissertação** (Mestrado em Gestão do Território) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2013.

SILVA, Joseli Maria. **Fazendo geografias: pluriversalidades sobre gênero e sexualidades**. In: **Geografias Subversivas**. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009.

Correspondência:

Renato Pereira

E-mail: pgeographo@gmail.com

Recebido em 02 de outubro de 2014.

Revisado pelo autor em 06 de setembro de 2015.

Aceito para publicação em 08 de outubro de 2015.